

Boletim Semanal* – 27/2021 – 08 de julho de 2021

CAFÉ

**Economista Paulo Sérgio Franzini*

As geadas ocorridas no final de junho atingiram parte do parque cafeeiro do Paraná, especialmente as áreas localizadas nas regiões Norte-Central do Estado, que compreendem os municípios dos núcleos regionais de Apucarana, Ivaiporã, Maringá, Londrina e parte de Cornélio Procópio. Na região do núcleo de Jacarezinho, no Norte Pioneiro, que concentra a maior parte da área cafeeira estadual, informações ainda preliminares são de que os danos foram muito variados, mas com menor intensidade que os observados nas outras regiões. No geral, os efeitos nas lavouras atingidas variam de queima superficial das folhas dos ponteiros até um “capote” mais leve a moderado. Em algumas áreas pontuais, a geada teve intensidade mais severa atingindo a estrutura da planta. Ainda é prematuro avaliar os prejuízos, mas certamente deverá impactar o potencial de produção para a próxima safra. É preciso aguardar o desenvolvimento das lavouras após o período de colheita para mensurar melhor o impacto ocorrido nas gemas que vão originar os botões florais para o próximo ano.

Aparentemente, a atual produção não foi atingida, mantendo-se a previsão média de 870 mil sacas beneficiadas de 60 kg numa área em produção estimada em 33,3 mil hectares. Conforme o último relatório de campo do Deral, de 05 de julho, foram colhidos, até agora, 26% da safra, percentual bem inferior ao verificado no mesmo período do ano passado quando mais da metade da safra havia sido colhida. As fases da produção por colher estão 21% em frutificação e 79% em maturação. A tendência é que os trabalhos avancem este mês de julho, se confirmar a previsão de tempo mais firme. Os primeiros lotes da atual safra começaram a ser comercializados, e o valor médio recebido pelos cafeicultores na última semana (28/06 a 02/07) foi de R\$ 757,69 por saca de 60 kg.

Os preços médios do café recebidos pelos produtores no Paraná, segundo levantamento do Deral, tiveram alta expressiva no primeiro semestre deste ano, passando dos R\$ 521,48 por saca beneficiada de 60 kg, em dezembro de 2020, para R\$ 771,31 em junho de 2021, acréscimo de 48%. Nos últimos doze meses, a alta atinge 74%, se comparado aos R\$ 443,31 praticados em junho de 2020. É necessário registrar que os

Boletim Semanal* – 27/2021 – 08 de julho de 2021

cafeicultores conviveram com valores muito defasados nos últimos cinco anos em relação ao custo de produção, e muitas vezes tiveram rentabilidade negativa. Ainda segundo o Deral, o custo médio de produção está estimado em R\$ 565,77 por saca de 60 kg, de acordo com o levantamento realizado em maio deste ano.

FEIJÃO 2ª Safra

**Eng. Agrônomo Carlos Alberto Salvador*

Com 100% das lavouras colhidas, o ciclo da leguminosa chega ao seu final, e o setor produtivo passa neste momento a contabilizar o resultado da safra. De acordo com o relatório de junho/21, 82% da produção total estimada foi comercializada, ou 282 mil toneladas, mas ainda restam 49 mil toneladas nas propriedades para futuros negócios.

O preço médio recebido pelos agricultores paranaenses em junho/21 pela saca de 60 kg de feijão cores foi de R\$ 253,12, recuo em 5% no valor do produto em relação ao mês anterior. Para o feijão tipo preto, a cotação foi R\$ 239,88/sc 60 kg, 10% menos que o mês passado. Tanto o feijão cores como o preto apresentam sensível queda nos preços médios nos primeiros seis meses do ano, mas mesmo assim os valores são

superiores aos dois anos anteriores. Nos seis primeiros meses deste ano, o mercado varejista do feijão apresentou alta nos preços médios recebidos. A cotação média em junho, do feijão tipo cores, foi de R\$ 7,34/kg, e para o feijão tipo preto, R\$ 7,37/kg.

Os preços recebidos pelos agricultores no mercado nacional apresentam uma desvalorização, o que contraria as previsões dos agentes de mercado, que esperavam pelo menos uma estabilidade das cotações por ser começo de mês, quando normalmente as vendas são mais aquecidas.

FRUTICULTURA - GOIABA

**Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

As estatísticas mundiais de produção e comercialização da goiaba são agregadas com a manga e o mangostim (MMG), na base de dados da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação – FAO. Estima-se que, em média, a manga representa aproximadamente 75% do volume total de produção, goiaba para 15% e mangostim para os 10% restantes.

Assim, dos números do arranjo MMG, considera-se a produção de goiaba ao redor de 838,3 mil toneladas, com a

Boletim Semanal* – 27/2021 – 08 de julho de 2021

Índia liderando os cultivos no mundo, pois abarca 46,0% da área e colheita mundiais. Sob esta perspectiva, o Brasil figura como o sexto ranqueado e parcela de 3,6% da produção.

Na fruticultura brasileira a goiaba é cultivada em 22,1 mil hectares, sendo a décima terceira fruta em Valor Bruto da Produção – VBP (R\$ 926,9 milhões), e a décima quarta em área e em volumes colhidos (584,2 mil toneladas), levantadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE, em 2019. (FRUTI/BR 2019: 2,3 milhões de ha; 41,2 milhões de t. e R\$ 36,2 bilhões).

Estes números indicam uma participação de 1,0% na área de cultivo, 1,4% nos volumes colhidos e 2,6% no montante financeiro gerado pelo VBP da fruticultura nacional. Os estados de Pernambuco (36,0%), São Paulo (33,2%) e Paraná (4,5%) participam com 73,7% das colheitas nacionais.

De 2010 a 2019, a cultura apresentou evoluções de 41,0% na área, 80,4% na produção e 136,6% no VBP real deflacionado, demonstrando a pujança e consolidação da atividade no País e, como exposto abaixo, no Paraná.

Segundo o Censo Agropecuário 2017, do mesmo Instituto, foram

contabilizados 10,7 mil estabelecimentos com cultivo comercial da espécie em todo o País. O consumo médio por habitante/ano é de 0,362 Kg, conforme a Pesquisa de Orçamento Familiar 2018. (POF/IBGE)

No Paraná, em 2019, a área colhida foi de 1,3 mil hectares, para uma produção de 35,4 mil toneladas e VBP de R\$ 70,0 milhões. Entre 2010 e o ano acima, experienciou-se um crescimento de 284,5% na área, 387,5% nas colheitas e 206,6% no VBP real.

Para 2020, números preliminares indicam a continuidade de crescimento em 4,0% na área e 6,0% nas colheitas.

A produção estadual está concentrada no Núcleo Regional de Jacarezinho (83,1%), cabendo ao município de Carlópolis a liderança na atividade (76,9%). São 324 produtores no estado com área média de 0,98 ha, segundo a Realidade Municipal do Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná – Iapar-Emater (IDR-Paraná).

Em 2020, nas Ceasa's/Pr, foram comercializadas 2,2 mil toneladas de goiabas, girando R\$ 9,9 milhões; provenientes principalmente do Paraná (80,3%) e São Paulo (18,9%), a um preço médio de R\$ 4,54/quilo.

Boletim Semanal* – 27/2021 – 08 de julho de 2021

SOJA

**Economista Marcelo Garrido Moreira*

Na última semana os produtores paranaenses receberam, em média, R\$ 137,73 pela saca de 60 kg de soja. O valor foi aproximadamente 1% inferior aos R\$ 138,93 recebidos na semana que se encerrou no dia 25/06. No mesmo período de 2020 a saca era comercializada por R\$ 98,81.

As primeiras estimativas para a safra de soja 2021/22 serão divulgadas pelo Departamento de Economia Rural no final de agosto. Segundo o ZARC (Zoneamento Agrícola de Risco Climático) divulgado pelo Ministério da Agricultura, o plantio da soja no Paraná poderá ocorrer a partir de 11 de setembro, se estendendo, a princípio, até 31 de dezembro.

Nos próximos dias serão divulgados os relatórios mensais da Conab (Companhia Brasileira de Abastecimento) e também do USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos). O relatório norte-americano é aguardado com expectativa, pois nele serão divulgados detalhes sobre as condições atuais das lavouras que sofrem devido a intempéries climáticas, assim como dados atualizados

do nível dos estoques mundiais da oleaginosa.

MILHO

**Administrador Edmar Wardensk Gervásio*

O relatório do Deral desta semana apontou uma piora generalizada nas condições de lavoura da segunda safra de milho 2020/21. Esta piora é reflexo direto das geadas ocorridas na semana anterior, que impactaram áreas em praticamente todo o Estado. O relatório aponta que temos 287 mil hectares em boas condições, uma queda de 53% quando comparado à semana anterior. Já as áreas que apresentam condições medianas totalizaram 1,1 milhão, alta de 12%. Finalmente a área em condição ruim atingiu um milhão de hectares, alta de 27%.

Resumidamente, dos 2,46 milhões de hectares a colher, 88% têm condição ruim ou mediana. Neste cenário devemos ter uma redução significativa na produção esperada. O relatório com revisão de área e produção é divulgado sempre na última semana cheia do mês, em julho será no dia 29.

Exportações

O Estado do Paraná exportou 9,1 bilhões de dólares no primeiro semestre de

Boletim Semanal* – 27/2021 – 08 de julho de 2021

2021. Este valor é 14% maior que em 2020. O item nominal mais exportado foi a soja em grão ou triturada, representando 27,3% do total ou 2,5 bilhões de dólares. Já o segundo item mais exportado pelo Paraná, no primeiro semestre, foi pedaços e miudezas comestíveis de galos/galinhas congelados, que atingiu o valor de 914 milhões de dólares, tendo participação de 10% no total.

O Brasil registrou crescimento de 35% nas exportações gerais, totalizando 135,9 bilhões de dólares.

TRIGO

**Eng. Agrônomo Carlos Hugo Godinho*

Preços relativos à cadeia de trigo pesquisados no atacado refletem momento difícil para transformar o produto em farinhas. Em junho, o preço médio da tonelada de trigo disponível no mercado ficou em R\$ 1.525 reais, 6% abaixo do registrado em maio passado, e 27% acima do praticado em junho de 2020. Já as farinhas registraram estabilidade de preços em relação ao último mês, mas subiram 15% nos últimos 12 meses, em média.

A discrepância entre reajustes dos preços de aquisição de trigo (27%) e os preços de vendas de farinhas (15%) tem impactado a indústria. Neste segundo

trimestre de 2021, a diferença entre o valor de venda da farinha e o trigo necessário para produzi-la ficou em 24%, percentual mais baixo para um trimestre desde o início da série histórica, em 1991. A média histórica deste valor agregado é de 65%, ganho responsável por manter os custos de manutenção dos moinhos. Assim, para manter o moinho rentável, a redução de outros custos é essencial, entre eles a mão-de-obra, que, por outro lado, também é parte da massa consumidora, que não consegue absorver os aumentos com alimentação.

MANDIOCA

**Economista Methodio Groxko*

A última semana foi marcada por chuvas, mas principalmente pelas severas geadas que ocorreram na maioria dos municípios do Paraná e se estenderam até o estado de Mato Grosso do Sul. O fenômeno das geadas trouxe como consequência fortes danos para a cultura do milho, pastagens e também afetou, em menor proporção, a cultura de mandioca.

Dada a preocupação com as ramas (manivas) que serão usadas no próximo plantio, muitos produtores dedicaram parte do seu tempo, nos últimos dias, com a poda das lavouras e a devida proteção

Boletim Semanal* – 27/2021 – 08 de julho de 2021

deste material para atender à necessidade da nova safra de 2021/22.

Durante o mês passado, as condições climáticas foram favoráveis à colheita, uma vez que as chuvas somaram volumes satisfatórios na maioria das regiões produtoras. No entanto, junto com as chuvas, houve o registro de granizo que afetou algumas lavouras e danificou as manivas. Na sequência, as geadas também trouxeram alguns prejuízos na questão das manivas, principalmente nas lavouras de baixadas.

A colheita já ultrapassou os 40% dos 143.000 hectares cultivados nesta safra de 2020/21 e o restante deverá se estender até meados de dezembro. A menor oferta de raiz às indústrias, na semana passada, diminuiu a pressão sobre os preços que estavam registrando redução contínua em todos os segmentos da comercialização, recebidos pelos produtores e também no atacado de fécula e de farinha.

Na última semana o produtor de mandioca recebeu em média R\$ 454,00/t posta na indústria, queda de 1,5% frente ao período anterior e redução de 3% se comparado à média de junho.

A fécula, no atacado, foi vendida a R\$ 68,00/sc de 25 kg e a farinha a R\$ 95,00/sc de 50 kg, ambos os produtos

apresentaram estabilidade nos preços durante os últimos 7 dias.

PECUÁRIA DE CORTE

** Méd. Veterinário Fábio Mezzadri*

Situação da Pecuária de Corte no Paraná

Alta nos Preços da Arroba – Razões

Segundo levantamento do Departamento de Economia Rural (Deral), os preços médios da arroba bovina se elevaram em 13% entre janeiro e junho de 2021. Entretanto, as cotações de categorias de reposição também tiveram altas significativas. O preço do boi magro para engorda subiu 18% no período analisado, estreitando as margens de lucro dos pecuaristas que não trabalham com o ciclo de completo de produção.

A principal razão para as altas nas cotações da arroba é a menor oferta de animais gordos, prontos para abate no mercado, devido principalmente a:

- Ciclo pecuário - o rebanho estadual diminuiu nos últimos anos devido à substituição da bovinocultura por atividades agrícolas, como o plantio de soja e milho, o que ocasionou redução na oferta interna de animais prontos para abate;

Boletim Semanal* – 27/2021 – 08 de julho de 2021

- Acréscimos nas exportações brasileiras, especialmente para a China;

- Atraso no plantio das pastagens de inverno devido à estiagem que atingiu o Estado, dificultando, atrasando e encarecendo a engorda da boiada;

- Alta nos custos de produção, especialmente devido ao encarecimento com a alimentação gerada por altas no milho e na soja;

Altas no Varejo e Impacto para os Consumidores

Acompanhando as altas da arroba, os cortes também apresentaram altas no mercado. Dos onze cortes bovinos levantados pelo Deral, alguns tiveram acréscimos bastante expressivos, como é o caso do peito que, entre os meses de janeiro a junho, se elevou em 22%, paleta (16%), patinho e mignon (15%), e carne moída de 1ª e 2ª, que tiveram altas de 13%. Como alternativas de proteínas de origem animal, os consumidores buscam adquirir cortes bovinos de valores mais acessíveis, como, por exemplo, o coxão mole, que se elevou 5% no mesmo período. Outra opção é a aquisição de carnes de frango e suína, que estão com valores relativamente mais baixos. Ovos também são escolha no consumo da

proteína animal por parte dos consumidores.

AVICULTURA

** Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade*

De janeiro a maio de 2021 a exportação brasileira de carne de frango faturou 4,1%

Segundo o Agrostat Brasil/MAPA, no acumulado de janeiro a maio de 2021, as exportações brasileiras de carne de frango cresceram 4,1% em faturamento, atingindo um montante de US\$ 2,764 bilhões, em relação ao valor acumulado de 2020 (US\$ 2,656 bilhões). Já em termos de quantidade exportada, o que se viu foi um crescimento de 4,0% (2021: 1.794.062 toneladas e 2020: 1.724.392 toneladas).

No período analisado, o País exportou 97,7% de carne de frango na forma *in natura* - inteiros e cortes (1.752.034 toneladas) - e apenas 2,3%, na forma de industrializados (42.028 toneladas). Observou-se um crescimento de 3,8% no volume de carne de frango *in natura* exportada: 2021 (1.752.034 toneladas) e 2020 (1.687.926 toneladas).

Do lado do faturamento do produto *in natura*, houve uma alta de 3,7% no acumulado de janeiro a maio do ano em curso (2021: US\$ 2,648 bilhões e 2020: US\$ 2,554 bilhões). O preço médio da

Boletim Semanal* – 27/2021 – 08 de julho de 2021

carne de frango *in natura* exportada, no acumulado de janeiro a maio de 2021, foi de US\$ 1.511,44/tonelada e, em igual período de 2020, foi de US\$ 1.513,25/tonelada).

Os principais destinos da carne de frango brasileiro, em 2021 (jan. a mai.), foram (volume/faturamento): 1º - **China** (258.242 toneladas e US\$ 478,701 milhões), 2º - **Arábia Saudita** (206.926 toneladas e US\$ 355,239 milhões), 3º - **Japão** (164.122 toneladas e US\$ 295,167 milhões), 4º - **África do Sul** (130.423 toneladas e US\$ 81,620 milhões), 5º - **Emirados Árabes Unidos** (117.165 toneladas e US\$ 187,308 milhões), 6º - **Filipinas** (61.910 toneladas e US\$ 54,295 milhões). 7º - **Iêmen** (48.885 toneladas e US\$ 71,775 milhões), 8º - **Países Baixos** (48.105 toneladas e US\$ 99,684 milhões). 9º - **Coreia do Sul** (46.625 toneladas e US\$ 78,905 milhões), e 10º - **Hong Kong** (45.759 toneladas e US\$ 82,016 milhões).

No Paraná, maior produtor e exportador nacional de carne de frango, houve crescimento no volume exportado (+6,5%) e 1,3% no faturamento.

Os números dos cinco meses de 2021 foram: volume: 736.907 toneladas/faturamento: US\$ 2,764 bilhões)

e 2020 (volume: 1687.926 toneladas/faturamento: US\$ 2,554 bilhões).

Para a carne de frango *in natura* paranaense, também houve recuo no preço médio exportado, mas da ordem de 5,5% (2021: US\$ 1.395,81/tonelada e 2020: US\$ 1.477,00/tonelada).

O **Paraná**, de janeiro a maio de 2021, continuou destacando-se no contexto nacional, com participação de 41,1% do volume exportado e com 38,1% da receita cambial (US\$). Os outros principais produtores e exportadores são os estados de **Santa Catarina** (22,3%: volume e 24,0%: faturamento) e **Rio Grande do Sul** (16% do volume e 16,4%: faturamento).

98,5% dos lares do Brasil consomem algum tipo de proteína animal

O ovo é o principal destaque nos lares dos brasileiros, com 96% de presença, seguido pela carne de frango, com 94%; carne suína, com 80%; carne bovina, com 79%; e peixe, com 65%. É o que apresenta uma pesquisa encomendada pela Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) ao Centro de Assessoria e Pesquisa de Mercado (CEAP). Ela mostra que 98,5% dos lares consomem algum tipo de proteína animal.

Boletim Semanal* – 27/2021 – 08 de julho de 2021

A pesquisa foi realizada entre novembro do ano passado e fevereiro deste ano, com 2.500 entrevistas em 113 cidades pelo País. Foram mais de 3 mil horas de entrevistas realizadas por 120 profissionais, focando nos membros com poder de decisão de compra no domicílio, de ambos os sexos, das classes A, B, C, D e E, com idades entre 18 e 65 anos.

De acordo com a pesquisa, 47% dos entrevistados informaram consumir ovos todos os dias. No caso da carne de frango, 54% consomem até três vezes por semana. Com a mesma frequência, 34% informaram consumir carne suína.

Questionados sobre a proteína animal mais consumida na residência, o ovo foi o principal mencionado por 35% dos entrevistados, seguido pela carne de frango, com 34%, e a carne suína, por 4%. Realizada durante o período de pandemia, a pesquisa apontou que o consumo das carnes ocorre especialmente em casa.

ABPA busca ampliar mercados importadores de proteínas animais

A Coreia do Sul é, atualmente, o quarto principal importador mundial de carne suína, com 570 mil toneladas, equivalente a cerca de US\$ 1,38 bilhão ao

longo de 2020 - atrás apenas de China, Japão e México.

Quando se trata de carne de frango, a Coreia do Sul é o 8º entre os maiores importadores do Brasil, sendo que de janeiro a maio de 2021 foram exportadas 46.625 toneladas, com faturamento de US\$ 78,905 milhões.

Cerca de 80% da carne de frango importada pelo país é proveniente do Brasil: em 2020 foram embarcadas 127,4 mil toneladas de produtos avícolas brasileiros, gerando receita de US\$ 196,6 milhões.

Visando melhorar tal performance, a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), em parceria com a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil), o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e a Embaixada Brasileira em Seul, iniciou em 29/6 uma campanha de imagem focada no mercado consumidor da Coreia do Sul, a qual deverá vigorar até o dia 28 de julho.

Tal campanha visa exaltar atributos da carne de frango e da carne suína do Brasil – como a qualidade dos produtos e o status sanitário da produção brasileira, contando com 362 telas de mobiliário urbano, instalados nas movimentadas

Boletim Semanal* – 27/2021 – 08 de julho de 2021

estações de metrô e terminais de ônibus da capital sul-coreana (escolheu-se 17 locais estratégicos de Seul, como a famosa *Gangnam Station* – bairro conhecido pelo clipe viral *Gangnam Style*, de *Psy*).

O novo status sanitário obtido junto à Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) reforça a qualidade e a sanidade do produto brasileiro exportado, especialmente para alguns mercados de alto valor, como é o caso da Coreia do Sul.

PRODUTOS FLORESTAIS

* Eng. Florestal Pablo Signor

Preços de produtos florestais apresentam elevação no Paraná

A última publicação dos preços pagos ao produtor por produtos florestais (referente a maio de 2021) mostrou considerável valorização para os principais produtos madeireiros e não madeireiros do Paraná em relação a outubro de 2020.

O preço das toras de diferentes sortimentos de *Pinus* para serraria e laminação ficou em média 24% maior do que em outubro de 2020, enquanto o preço das toras de *Eucalyptus* ficou em média 7% maior. Já a madeira para processo apresentou variação positiva de 11% neste período. Variações estas em termos

nominais. A variação dos preços de cada produto e sortimento pode ser visualizada na Tabela 1, com os valores nominais referentes a outubro de 2020 e maio de 2021.

Tabela 1. Média estadual do preço pago ao produtor por alguns produtos florestais selecionados, referente a outubro de 2020, maio de 2021 e a variação no período.

Produto e médias estaduais	Unidade	Preços pagos out/2020	Preços pagos maio/2021	Variação out 2020 a maio 2021 (%)
<i>Toras de Eucalyptus 'em pé'</i>				
Diâmetro 14 - 18 cm	R\$/m ³	35,81	36,90	3,1
Diâmetro 18 - 25 cm	R\$/m ³	57,13	62,22	8,9
Diâmetro 25 - 35 cm	R\$/m ³	89,21	96,75	8,4
Diâmetro > 35 cm	R\$/m ³	112,57	119,67	6,3
Média dos sortimentos	R\$/m ³	63,99	68,29	6,7
<i>Toras de Pinus 'em pé'</i>				
Diâmetro 14 - 18 cm	R\$/m ³	35,59	47,12	32,4
Diâmetro 18 - 25 cm	R\$/m ³	87,81	104,45	18,9
Diâmetro 25 - 35 cm	R\$/m ³	119,66	143,73	20,1
Diâmetro > 35 cm	R\$/m ³	157,75	199,12	26,2
Média dos sortimentos	R\$/m ³	85,17	105,39	23,7
<i>Tora para processo 'em pé'</i>				
Lenha (posta no consumidor)	R\$/m ³	62,03	72,16	16,3
Cavaco sujo (na origem)	R\$/t	60,44	69,41	14,8
Folha de erva-mate 'no pé'	R\$/arroba	13,12	15,61	19,0

Fonte: Deral, 2021.

Os preços de lenha e de cavaco sujo também acompanharam a valorização das toras, variando 16% e 15%,

Boletim Semanal* – 27/2021 – 08 de julho de 2021

respectivamente, em termos nominais. A erva-mate, que no Paraná é considerada um produto florestal não madeireiro, também apresentou variação positiva de 19% nos preços pagos ao produtor pela erva-mate "no pé", no mesmo período de análise.

Dentre os principais motivos para elevação dos preços dos produtos florestais, pode-se citar o aumento expressivo das exportações paranaenses. De janeiro a junho de 2021, os painéis compensados de Pinus, que utilizam em seu processo produtivo principalmente toras acima de 18 cm de diâmetro, tiveram aumento de mais de 30% do volume e de mais de 150% do valor exportado em relação ao mesmo período do ano anterior.

BATATA 2ª Safra

**Eng. Agrônomo Carlos Alberto Salvador*

O relatório do Deral desta semana indica que foram colhidos 8,3 mil hectares, ou 71% do total da área estimada. Cerca de 18% da área a colher está na fase de desenvolvimento vegetativo, 5% na fase de frutificação e 77% em maturação. Já as condições de lavoura variam de semana a semana devido à instabilidade climática.

Em torno de 76% das lavouras se encontram em boas condições e 24% em condições médias.

Em junho, o preço médio recebido pelo produtor paranaense pela caixa de 23 kg de batata foi de R\$ 43,66, em média, redução de 40% em relação aos valores médios de maio. No último mês, os preços atingiram o menor valor deste primeiro semestre.

Fiquem conectados no DERAL:

www.agricultura.pr.gov.br

www.facebook.com/deralseab.pr

[https://instagram.com/deral_pr](https://www.instagram.com/deral_pr)

https://twitter.com/do_deral

Informe-se, compartilhe, interaja!